

Cartas em “esperançar” como resposta a uma epístola herética: democracia, ecologias e cotidianos escolares

Letters in “hope” as a response to a heretic epistle: democracy, ecologies and school everyday life

Cartas en “esperanzar” como respuesta a una epístola hereje: democracia, ecologías y vida cotidiana escolar

RODRIGO BARCHI¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma experiência de apropriação criativa e diálogo entre dois grupos de estudos e pesquisas, no âmbito de um seminário em educação, imagens e sons. O texto é iniciado com as perspectivas em democracia, ecologias e cotidianos escolares que pautam as pesquisas do grupo proponente e o teor do artefato cultural produzido, composto de trocas de epístolas e cartas que foram intituladas de heréticas e “em esperançar”. Em seguida aborda o conteúdo do vídeo resultante da apropriação criativa do artefato, e é encerrado com algumas considerações ao redor das trocas educativas promovidas pela atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidianos escolares; democracia; cartas pedagógicas; educação.

ABSTRACT: This article presents an experience of creative appropriation and dialogue between two study and research groups, in scope of a summit on education, images and sounds. The paper begins with the perspectives on democracy, ecologies and school daily life that guide the research of the proposing group and the content of the cultural artifact produced, composed of exchanges of epistles and letters that were titled heretical and “in hope”. It then addresses the content of the video resulting from the creative appropriation of the artifact, and ends with some considerations regarding the educational exchanges proposed by the activity.

KEY WORDS: School daily life; democracy; pedagogical letters; education.

1. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

RESUMEN: Este artículo presenta una experiencia de apropiación creativa y diálogo entre dos grupos de estudio e investigación, en el marco de un seminario sobre educación, imágenes y sonidos. El texto comienza con las perspectivas sobre la democracia, las ecologías y la cotidianidad escolar que guían la investigación del grupo proponente y el contenido del artefacto cultural producido, compuesto por intercambios de epístolas y cartas que fueron tituladas heréticas y “en esperanza”. Luego aborda el contenido del video resultante de la apropiación creativa del artefacto, y finaliza con algunas consideraciones en torno a los intercambios educativos propuestos por la actividad.

PALABRAS CLAVE: Cotidianos escolares; democracia; cartas pedagógicas; educación.

INTRODUÇÃO

Há uma linha muito tênue entre a blasfêmia e a heresia, apesar da constante confusão e sinonímia que muitas vezes – e equivocadamente – é realizada quando se acha conveniente acusar e rotular tudo o que não seja do escopo de determinado setor e/ou filiação política, ideológica e confessional. Blasfêmia e heresia constantemente são tidas como ofensas a um determinado posicionamento dominante e hegemônico em uma sociedade, e tudo o que é dito de modo contrário ao escopo oficial pode ser considerado, em contextos mais totalitários e autoritários, como blasfemo e herético.

Mas a origem etimológica das duas palavras é distinta. Tanto no sentido grego – *Βλασφημία* – quanto no latino – *blasphemia* – a blasfêmia é considerada uma palavra de mau agouro, interpretada como uma ofensa e violação às divindades, à religião e, consequentemente, a toda comunidade a elas submetidas. Calúnia, difamação, ultraje (Coelho, 1890; Machado, 1952; Nascentes; 1955), a blasfêmia é direcionada diretamente ao conflito, ao combate, à injúria e à violação contra o divino e suas instituições.

Já a heresia, pelo menos em sua manjedoura, tanto no sentido grego – *αἵρεσις* – quanto no latino – *haerësis* –, como nos propõe Le Goff e Schmitt (2017), significava a “ação de pegar”, tomar, escolher, preferir. Algo como tomar partido ou, de modo mais radical, perspectivar. Na própria Carta aos Coríntios (11, 19), Paulo de Tarso, ao afirmar que as heresias eram necessárias para determinar-se aquilo que havia a se aprovar, ainda via as mesmas muito mais como somente dissensões, do que ofensas, aporias ou mesmo, blasfêmias. A heresia, como doutrina, opinião, sistema ou modo (Coelho, 1890; Machado, 1952; Nascentes; 1955), deu lugar a um apócrifo, que, no decorrer do medievo, passou a ser considerado como justamente aquilo que precisava ser perseguido pelo Estado (Le Goff; Schmitt, 2017).

Com a fragilização do papel das igrejas e das religiões no Estado, além da laicidade do mesmo, especialmente a partir do século XX, a heresia deixa de ser, especialmente nos Estados mais democráticos do Ocidente, algo a ser combatido e, conseqüentemente, perde seu status blasfemo. É evidente que ainda há resquícios de outrora e, para algumas vertentes do próprio catolicismo, uma perspectiva como a Teologia da Libertação ainda pode ser considerada herética. Não à toa a imposição do silêncio a teólogos como o brasileiro Leonardo Boff, nos anos 80, e o espanhol Jon Sobrino, em 2007.

É nesse sentido que escolhemos o termo herético, e não blasfemo, para figurar no título deste artigo e caracterizar a carta escrita aos membros do GEDECE (Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares). A epístola foi elaborada a partir da proposta sugerida pela organização do X Seminários dos Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons, realizado em maio de 2024, para a construção de um artefato cultural ao redor do trabalho de pesquisa que os grupos convidados para o evento estão desenvolvendo, e que seria apropriado por outro grupo, na criação de outro artefato visual, sonoro, escrito, artístico, entre outras formas.

Portanto, este artigo é o relato da experiência da produção do artefato cultural do GEDECE, e também as nossas observações sobre a apropriação realizada pelo Grupo de Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde, da parceria entre o Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) e o Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ART/UERJ).

Na primeira parte, é apresentado o trabalho realizado pelo GEDECE, no que diz respeito às suas perspectivas democráticas, ecológicas e cotidianas em educação; na segunda, o trabalho com cartas, a partir da perspectiva freireana será abordado, como fundamento epistemológico na construção do conhecimento nos/dos/com os cotidianos escolares, juntamente com a produção da epístola herética e das cartas em esperança; e por último, traremos a apropriação realizada pelo Grupo de Estudos Culturais Fluminense, e como ela foi pensada e discutida no âmbito do GEDECE.

ECOLOGIAS, DEMOCRACIAS E COTIDIANOS ESCOLARES

Surgido no âmbito da Linha de Pesquisa em Cotidianos Escolares, Formação de Professores e Práticas Educativas, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Sorocaba (PPGE-UNISO), o trabalho do Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares (GEDECE), teve início

em abril de 2023, mas só assumiu a atual nomenclatura em janeiro de 2024. Antes chamado de “Cotidianos no Ambiente-Escola”, tem suas investigações focadas principalmente ao redor da presença da democracia nos cotidianos escolares, em especial quando interconectadas às práticas em educação ambiental e ecologia política nas escolas.

É influenciado pelos trabalhos dos grupos anteriormente existentes no PPGE-UNISO, “Perspectiva Ecologista de Educação” (Reigota, 2012; 2014) e “Ritmos de Pensamento” (Romaguera, Catunda, 2016; Romaguera, Wunder, 2020) – liderados por Marcos Reigota entre 1996 e 2022; e Alda Romaguera, entre 2014 e 2021, respectivamente –, os quais buscavam trazer à tona uma série de interconexões entre política, arte, cultura e ecologia, manifestas nos cotidianos das escolas e nas trajetórias, experiências, vivências e (re)existências das educadoras e educadores que construíram suas pesquisas no âmbito dos grupos.

Para além de manter o legado das investigações produzidas anteriormente, na manutenção da elaboração de investigações nos cotidianos escolares que trouxessem à tona os saberes e práticas construídos nos percursos das educadoras e educadores pesquisadoras/es, a decisão do GEDECE foi investigar, de modo central, o quanto o dia a dia das escolas está marcado, ou não, pela presença e pelas manifestações de democracia. A proposta não é discutir ou avaliar se as escolas obedecem, em seus processos de gestão e práticas em sala de aula, os pressupostos presentes nas leis e diretrizes da educação nacional, no que diz respeito à democracia. Em outras palavras, não interessa ao grupo saber se a escola A ou B vem a ser ou não democrática no que diz respeito, exclusivamente, às tomadas de decisões sobre temáticas previamente selecionadas pelos conselhos, coordenações ou diretorias escolares.

A intenção do grupo é inverter – em um sentido nietzscheano-deleuziano – a compreensão das democracias impostas de cima para baixo, entendidas aqui não mais do que meras concessões de poder à comunidade escolar por parte das gestões e direções, cuja avaliação meritória dessas práticas venham a servir somente, a partir de indicadores sistematizados e planejados, como rankings classificatórios e hierarquizantes, assim como vem sendo utilizados alguns certames do estilo Exame Nacional do Ensino Médio, Prova Brasil e o Sistema de Avaliação da Educação Básica. Muito menos o GEDECE tem como preocupação se a escola atenderá parâmetros estabelecidos pelas instituições multilaterais globais, que impõe o padrão PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) como referência central, ditada pela OCDE.

Não que desconsideremos, como grupo de pesquisa, os pressupostos de uma determinada democracia representativa que pauta as decisões políticas no Brasil,

em especial após a promulgação da Constituição de 1988, que garante a participação coletiva nas tomadas de decisões, a partir da realização quadrienal das eleições legislativas e executivas. Longe de refutar a importância do processo que afasta o país dos períodos nefastos da fascistização das instituições governamentais – apesar dos momentos atuais exigirem toda cautela e cuidado em relação ao sucateamento do Estado democrático – e da legitimação de regimes despóticos e autoritários, as perspectivas em democracia que pautam as pesquisas no GEDECE se propõem como investigadoras daquilo que podemos chamar de radicais.

Dois dos principais referenciais são os estudos sobre multidão, assembleia e poder constituinte em Antonio Negri (2002), e em sua parceria com Hardt (Negri; Hardt, 2001, 2005, 2016, 2018); e as concepções, em Paulo Freire, de educação radical (Freire, 2014), democracia (Freire, 2013) e dialogicidade (Freire, 2018). Interessa compreender, aqui, o quanto as perspectivas dos dois pensadores são convergentes e reforçam a proposta que o grupo vem construindo em suas pesquisas nos cotidianos escolares; as quais assumem o caráter das perspectivas ecologistas em educação (Corrêa; Bezerra, 2023) e das educações ambientais (Gonzalez; Barchi, 2022), devido à impossibilidade do debate democrático estar isolado da ecologia política, perante a hecatombe ecológica que se intensifica e se faz cada vez mais presente na vida das pessoas. Só em 2024, contexto desse texto, as enchentes catastróficas em abril, no Rio Grande do Sul, e os incêndios criminosos em todo o país, em setembro, e que afetaram a qualidade do ar em quatro das cinco regiões brasileiras, fortaleceram ainda mais as evidências de que não é mais possível desvincular a democracia da questão ambiental, em suas macro e micro escalas.

A escolha pela noção de democracia, em um escopo mais radical até que as propostas de democracia participativa, foi pautada pelo fato dos estudos dos cotidianos escolares e sua dimensão *temporalespacial* menor, não caberem somente numa intenção etnográfica – ou até autoetnográfica (Bastida, 2024) – de observar como as práticas democráticas se dão ao redor da representação ou participação eletiva da comunidade escolar durante os períodos de decisão, em relação ao orçamento escolar, à cor da escola e das salas, ao menu da merenda, ou ao tipo de festival cultural comunitário que a escola faria em alguma data comemorativa.

É necessário destacar a linha tênue que separa as noções de democracia participativa daquelas em perspectiva radical, e alguns trabalhos comparativos merecem referência, na tentativa de classificação e distinção dos conceitos, sendo que alguns ainda são formalistas, restringindo a diferença entre os escopos participativo e

radical ainda submetido ao jugo da institucionalização, como o de Fung e Cohen (2007), que dividem a radicalidade entre “maior participação” e “ampliação da deliberação”. Outros trabalhos, menos tímidos e temerosos, já separam as perspectivas participativas como aquelas que ainda submetem o jugo democrático ao Estado, e as radicais como as que vão de um processo de destituição do mesmo como instituição de proteção aos interesses do capital, entre os quais se destacam os textos de Tavares e Cunha (2015), que debatem as perspectivas de John Rawls e Chantal Mouffe; de Marques (2008), que contrapõe as noções de Boaventura Sousa Santos e da parceria Laclau/Mouffe; os estudos de Mendonça (2010), que distinguem a democracia radical agonística de Chantal Mouffe, da democracia radical adversativa de Aletta Norval, nas críticas à democracia deliberativa liberal de Habermas; e o artigo de Lima (2017), que diferencia o formalismo de Habermas e o pensamento selvagem de Antonio Negri ao redor da questão democrática.

Na perspectiva de uma democracia radical *an-árquica* – que refuta a *arkhé*, ou o fundamento da governabilidade e dos exercícios institucionais do poder – discutida por Matos (2022), pensar a democracia do cotidiano escolar, mais do que dar a escolha, a palavra e porcentagem de poder, é entender, justamente, o cotidiano como o ingovernável que escapa, que resiste e que não se resilia ou submete. Em outras palavras, pensando com Carvalho (2009) e Oliveira e Sgarbi (2008), é entender os cotidianos escolares em seus movimentos “antifundacionais”, que recusam a cooptação dos *saberesfazer*es inventados pelas coletividades das/nas escolas, pelas práticas hierarquizantes e apropriadoras, que caracterizam o poder constituído.

Mas para além da recusa e da furiosa raiva rebelde – que consideramos tanto *an-árquica* quanto anárquica – há também o processo de encontro spinozano na associação das singularidades em potência coletiva em ato, que teria levado, por exemplo, a Marx pensar a democracia como algo que fugisse da representação, do Estado e da constituição (Pogrebinschi, 2009; Tible, 2020). Longe de sugerir a ditadura do proletariado como um “Estado proletário” ou uma tirania do partido, a perspectiva democrática radical de Marx – que Rubel (2012) chega a chamar de anarquista – é condição política daquilo que surge após a derrocada do Estado, ou seja, uma outra forma de organização do político, como na Comuna de Paris (Pogrebinschi, 2009).

É nesse sentido, por sua vez, que Negri (2002) sugere a democracia como poder constituinte. O qual, distinto das perspectivas constitucionalistas do pensamento ocidental – na linha Rousseau-Kant-Hegel – que sugere o mesmo apenas como integrante do poder constituído, responsável por moldar todo o processo de constituição

jurídica que cristaliza a vida coletiva, é, na verdade, movimento autônomo e inimigo mortal dos processos de constituição. Ao negar o materialismo dialético, e propor uma outra linha de pensamento político pautada na trinca Maquiavel-Spinoza-Marx – numa perspectiva herética de Marx, radical e simultaneamente contra o capital e o Estado – Negri propõe pensar a democracia como movimento constante de negação da negação, em uma abertura radical que recusa a separação entre a sociedade e a política, enquanto essa se encastela na constituição e no Estado.

A partir dessa perspectiva da democracia como construção ininterrupta da multidão é que o GEDECE propõe, portanto, estudar as manifestações democráticas nos cotidianos escolares como processos de ruptura de rotinas pautadas em práticas despóticas, exploratórias e fascistas – no sentido foucaultiano de apreço ao poder nos *espaçostempos* micropolíticos dos cotidianos – e construção contínua de outros modos de produção de saberes, currículos, práticas, formações e relações de sociabilidades, que buscam impossibilitar processos de cristalização, concentração e verticalização das tomadas de decisões. Em outras palavras, perceber quais são os micros – numa perspectiva do menor em Deleuze/Guattari (1997) ou mesmo das “lindezas” do pequeno na ecologia de Ernest Fritz Schumacher (1983) – poderes constituintes e democracias potencializadas – ou não – nos cotidianos escolares.

A tarefa, portanto, do grupo, se entrelaça, tanto na sua proposta científica quanto no compromisso político, na elaboração de uma ontologia do presente (Carvalho, 2009) que busque tanto narrar de modo etnográfico (Reigota, 1999), autoetnográfico, (auto)biográfico e/ou ficcional, quanto protagonizar, o processo constituinte de fortalecimento de singularidades individuais associadas em pequenas multidões nos *espaçostempos* escolares. É trazer à tona a não somente a contribuição das/dos que vem das margens (Reigota, 2010), mas, principalmente, saber quais são as democracias construídas nesses extremos, na percepção de quem as inventa.

CARTAS FREIREANAS: HERÉTICAS E DE ESPERANÇARES

As cartas, em Paulo Freire, são justamente o ato comunicativo de abertura ao mundo do *educadorpesquisador*, que faz com que, ao buscar o diálogo, o obriga a ler a perspectiva que a/o outra/o carrega. Uma carta tem como intenção não somente a leitura pelo outro, mas a resposta. E quando os escritos são direcionados justamente a quem o remetente sabe das diferenças entre si e o destinatário, é que se realiza, numa perspectiva freireana, “o gosto da convivência com o diferente” (Freire, 2000,

p. 39). Os compromissos, construídos pelos afetos gerados nesse intercâmbio, dão às educadoras e educadores a dimensão política de sua presença no mundo, que se constitui intrinsecamente com o pedagógico (Vieira, 2019).

Em suma, ao produzir uma carta direcionada às/aos *estudantespesquisadoras/es*, com composições (anti)musicais anexadas – em quase completa diferença ao que até então as/os colegas estavam habituadas/os – e uma exigência de resposta, eu como pesquisador e elas/es, ao aceitarem a proposta, construíamos, assim, o ato dialógico/pedagógico, cujos saberes produzidos nessa atividade comunicativa e política precisariam resultar num artefato cultural.

Sendo assim, numa tentativa preliminar de diagnosticar e entender as presenças e existências das indignações, das resistências e das esperanças – no sentido “existencial e histórico” do *esperançar* ativo de Paulo Freire (2018) – nessas bordas cotidianas presentes nas/nos *estudantes* *doutorandas/os*, *mestrandas/os*, *graduandas/os* e *convidadas/os* em nosso grupo, é que o GEDECE aceitou a proposta inicial das organizadoras do X Seminários dos Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons, de produzir um artefato cultural, que fosse recebido por outro grupo que, por sua vez, se apropriasse daquilo que fosse produzido.

O coordenador do grupo – eu, no caso – escreveu, portanto, uma carta a ser respondida por cada uma/um das/os integrantes do GEDECE, como abaixo exposta na imagem 1:

Caras e caros orientandas/os e demais participantes do GEDECE, saudações. Espero que estejam bem, independente do que isso signifique a cada um e cada uma...

Esta é uma carta geral e aberta a todas/os vocês. E o vermelho ao fundo é impacto, mesmo...

Ela está no âmbito de uma proposta de atividade que, por sua vez, está imersa no convite que foi feito ao nosso Grupo, o GEDECE, pela professora Nilda Alves e o Grupo de Estudos "Cotidianos: Éticas, Estéticas, Políticas", da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED).

Haverá, entre os dias 13 e 16 de maio deste ano, o X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa com Imagens e Sons "TEMA: Redes educativas, imagens e sons na produção e circulação de 'conhecimentossignificações': conversas entre pesquisas em Educação", a ser realizado na UERJ. Eu estarei lá, pois fui convidado e terei as despesas pagas, graças ao pedido que as organizadoras fizeram à CAPES e à FAPERJ.

Para o evento, será possível duas atividades. Uma do grupo (que estarei solicitando adiante), e apresentações individuais de até quatro estudantes, que puderem ir. Como estamos em março, sei que será complicado vocês poderem ir, e aí, quem puder, converse comigo sobre a possibilidade de enviar trabalho, ou não se preocupem. Na quarta, dia 06, conversaremos (ou conversamos, de acordo com o dia que estiverem lendo) sobre esses detalhes.

Mas a questão é a seguinte. Vou tim-tim por tim-tim. Vocês sabem que além das questões do cotidiano escolar, da educação ambiental e da filosofia política (em educação, democracia e ecologia), sou um pesquisador das questões veiculadas ao que chamo de Música Extrema (estilos mais radicais de rock, punk e metal), e as discussões ecológicas, políticas, sociais, culturais e educacionais presentes nas imagens de capas e letras de composições. Tenho dois livros organizados sobre a temática, sairá mais um ao final de agosto, fora diversos artigos publicados sobre a questão.

Toda essa Música Extrema carrega uma carga pessimista, sorumbática, apocalíptica e intensamente crítica aos rumos que a humanidade e o mundo andam tomando. E é com ela que vocês irão dialogar no trabalho que quero que vocês façam, e que mandarei ao evento.

Encaminharei – ou já encaminhei – a cada uma de vocês um link do Youtube com a composição (antimusical que selecionei carinhosamente, e a capa do álbum a que pertence esse som. E para vocês ficarem abismadas/os, horrorizadas/os, com mal-estar, e se perguntando que tipo de gente docente pode escutar esse tipo de som. Mas cada uma dessas sonoridades é justamente a expressão gritante de um mal-estar perante a desesperança do mundo. Um mundo visto, para muita gente, como o próprio inferno. Se quiserem ir atrás da letra, da tradução, e outras coisas, fiquem à vontade.

Perante o mal-estar que vocês sentirão – ou qualquer outra sensação ao ver a capa e escutar a composição – eu quero uma resposta de vocês. E aí, exercício freireano de um esperar ativo, em contraposição (ou mesmo de alinhamento, mas não tão desesperançado) ao fatalismo de que tudo está em declínio. Para isso, eu quero que vocês, em uma escrita (que sugiro uma carta em resposta a esta) de uma lauda, a resposta que vocês, na pesquisa e na prática cotidiana, já estão dando "ao mundo em ruínas", em seu bloqueio, impedimento, resistência e construção de outros mundos. E ao fim, o link de uma música "esperançada", em resposta ao orientador, e ao mau-humor, perante o mundo, do que trago como "Música Extrema". E a capa do álbum dessa canção. Juntarei tudo em um arquivo só, e enviarei à professora Nilda.

Não é para aliviar, lisonjear, passar pano, ou dizer que gostou só para agradar. Se gostar de verdade, beleza, mas a ideia é incomodar vocês, e daí, fazer vocês responderem.

A dinâmica lá será de outro grupo (São quase 25 grupos do país todo participando) ver nossas cartas (a minha para vocês e a de vocês a mim, com as canções e capas minhas e de vocês). Será sorteado. E também veremos, coletivamente, as atividades de algum outro grupo (que ainda não sei qual é), e ver como essas atividades contribuem conosco. Super divertido e colaborativo, visto que o olhar dos outros grupos será de pura construção. Não haverá críticas e nem avaliações. E sim, contribuição.

Escrevam o que quiserem, desde que vocês consigam desmontar a desesperança da crítica que trago, nas canções e capas, a partir daquilo que vocês fazem, fizeram ou virão a fazer. Usem o que quiserem. Livros que lemos no grupo, tuas trajetórias, tuas experiências de vida, o que for. O texto é de vocês.

Até a próxima quarta, dia 13, pois só terei a sexta-feira, dia 15, para organizar tudo. Tem que ser de sopetão. O susto aos ouvidos, a escrita em resposta, e a sugestão de música capa ao orientador. O que acham? Desde já agradeço. Abração.

Imagem 1: Carta do coordenador do GEDECE às orientandas, orientandos e demais participantes
Fonte: Acervo pessoal das fotos tiradas na apresentação do vídeo no evento acima citado

Reproduz-se aqui a imagem da carta, que foi escrita em *OfficeWord*, e enviada às/aos participantes do GEDECE em arquivo *Adobe Reader pdf*, pois não é somente de texto que ela é composta – pois se fosse, poderia ser reproduzida, aqui, em texto – mas também das cores. O fundo vermelho com a escrita em preto, como dita

na própria epístola, é justamente para dar o tom sombrio e desesperançoso com o qual eu quis provocar as/os *estudantespesquisadoras/es*. Para além da perspectiva libertária do uso das cores vermelha e preta – associadas aos movimentos anarco-socialistas – a coloração indica justamente as principais cores construídas no imaginário medieval e moderno, associadas às imagens do inferno (Nogueira, 2002).

A carta serviu para encaminhar às/aos *estudantespesquisadores/as* um link do Youtube com uma série de canções ligadas à música extrema (Bahy et al., 2022), a capa do disco do qual a canção – uma composição direcionada a cada uma/um – foi tirada, e também a letra. Traduzida, se do inglês, ou a original, em português. O que caracteriza a Música Extrema, além do ruído cacofônico e ruidoso intenso, é justamente a ira, a indignação, a desesperança quase escatológica, a iconoclastia, a heresia e, em muitas vezes, a própria blasfêmia. Mas as composições que indiquei pautavam-se mais pela heresia, ou seja, o dissenso combativo. Anárquico e satânico. Por isso que a epístola, como trouxe no título, é herética. Tanto contra os cânones sociais, políticos, culturais e econômicos dominantes na sociedade capitalista, cada vez mais neoliberal e barbárica, contra os próprios cânones de uma perspectiva até freireana em educação, pautada, justamente, na esperança.

A tarefa, portanto, foi justamente fazer com que cada uma/um dessas/es *estudantespesquisadoras/es* respondesse à minha carta com outro tom. De otimismo, da ativa esperança, sem perder de vista o impacto indignado – e herético – que a carta direcionada por mim havia causado. Eu sabia que nenhuma delas e deles era familiarizado com a perspectiva marginal e disruptiva que a música extrema carrega, e queria saber quais seriam os diálogos – e por seguinte, os saberes – que minha epístola promoveria, em diferença com cada um/a das trajetórias, vivências e (re)existências dos outros membros do grupo.

Foram enviadas as seguintes composições: “*Catatonía*” do grupo estadunidense de *death metal* Suffocation; “Conflito Violento”, do conjunto brasileiro de *crossover/hardcore* Ratos de Porão; “*Smash a single digit*”, da banda britânica de *grindcore* Napalm Death; “Extinção em Massa”, do grupo *death metal* brasileiro Krisiun; “*Arise*”, do conjunto brasileiro de *thrash metal* Sepultura; “*Dark Satanic Mills*”, da banda britânica da *splatter/death metal* Carcass; “*Pull the Trigger*”, da banda brasileira de *death metal* Torture Squad; e “Cultura do Estupro”, do conjunto feminino brasileiro de *death metal* Nervosa.

A cada um/a, além da carta, foi também pedida uma canção – e a capa do disco de que foi retirada – que dialogasse com o tom esperançoso da carta resposta,

dando assim, ao coordenador promotor da atividade e da produção do artefato cultural, a diferença quase que extrema em relação ao que havia sido solicitado e escrito em carta. Todo o material – cartas, capas e links – foi reunido em um único arquivo *Adobe Reader*, sendo esse artefato cultural um minilivro de troca de cartas pedagógicas entre a heresia e a esperança pedagógicas.

APROPRIAÇÕES, PROVOCAÇÕES E CORES

A coordenação do X Seminário dos Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons encaminhou o artefato cultural produzido pelo GEDECE ao Grupo de Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde, o qual é parceria entre o Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) e o Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ART/UERJ). A apropriação criativa de nosso material foi a transformação de nossas cartas e composições escolhidas em um vídeo de aproximadamente onze minutos, apresentado no dia 14 de maio de 2024, na capela da UERJ.

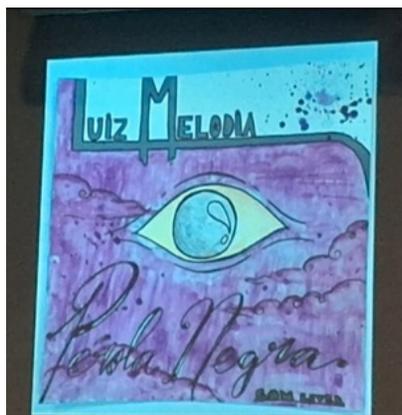
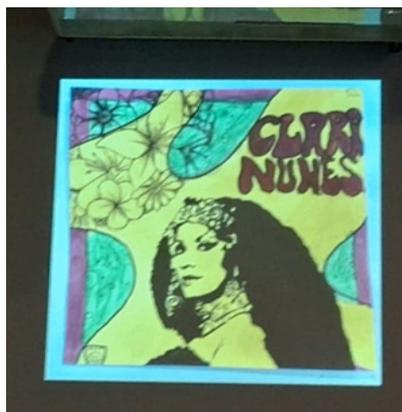
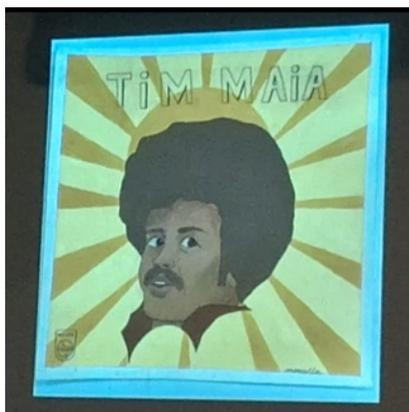
O artefato trouxe cada uma das respostas dadas à minha carta herética, narrada brevemente por uma voz grave, e que não trazia pessoas ou imagens em movimento, mas artes que remetiam a capas ou material de divulgação de artistas da música – não extrema – desenhadas por estudantes do Ensino Fundamental e Médio, em oficinas construídas por um dos membros do grupo fluminense a partir de reproduções de capas de discos de artistas da música brasileira e internacional, reinterpretadas a partir dos eixos bossa nova, tropicalismo e samba. Na introdução da apresentação de cada uma das epístolas, um breve lampejo de dois segundos de cada uma das composições de música extrema que encaminhei a cada um dos membros do GEDECE.

A primeira carta “em esperar” apresentada foi do Davi, ao som de Suffocation e de imagens reinterpretadas de Lana Del Rey e Amy Winehouse. Nela, a narração dava ênfase à escrita realista e crítica, que pedia urgência da reação de quem tinha raiva, de quem tinha sangue ancestral daqueles que haviam sido mortos, escravizados e de quem não se alinhava aos ditames bárbaros de uma sistemática fascista. Não à toa que ao final da carta – uma ode à esperança indignada – de Davi, o *link* para a canção “Monólogo ao pé do ouvido”, de Chico Science e Nação Zumbi.

Ao som da introdução de Ratos de Porão, e das imagens de Michael Jackson, a carta de Fátima é abordada, sobre as vozes silenciadas que, bloqueadas pelos exercícios do poder, sofrem discriminação, opressão e exclusão. Nela, as políticas e práticas são

consideradas como ineficazes e incapazes de refletir e atender a diversidade e necessidade das pessoas envolvidas e presentes nos processos educativos e nos cotidianos escolares, sendo as lutas ainda imprescindíveis para que essas situações não se perpetuem.

Na epístola esperançosa de Érica, introduzida pelo ruído de Napalm Death, e ilustrada pelas capas redesenhadas de Will Wood and the Tapeworms, e do artista colombiano Feid/Ferxxo, há um chamado à irrefutabilidade da educação como o processo de destruição das amarras que impedem que todas e todos tenham acesso à formação e informação, e que garanta para que a justiça social e o direito à “vez e voz” sejam realmente parte da vida cotidiana.



Imagens 2, 3, 4 e 5 – Algumas das capas redesenhadas nas oficinas dos discentes do Grupo de Estudos Culturais em Educação, Cultura e Arte, expostas no vídeo apresentado no X Seminário dos Laboratórios e Grupos de Pesquisas em Educação, Imagens e Sons, no dia 15 de maio de 2024.

Fonte: Acervo pessoal das fotos tiradas na apresentação do vídeo no evento acima citado.

O vídeo do Grupo Estudos Culturais intitula a carta de Uratã como profética, e ilustra a narração da mesma com as imagens redesenhadas de Lady Gaga e Clara Nunes. Aqui, a epístola dialoga diretamente com a composição “Extinção em Massa”, cuja escatologia apocalíptica nuclear é rebatida em seu pessimismo, para dar lugar a uma interpretação de que a arte é capaz de fazer de modo tão sóbrio quanto as próprias ciência e filosofia.

A partir da carta da Michele, as imagens são mais aceleradas, e aqui são trazidas releituras e gravuras de Baco Exu do Blues, das irmãs artistas brasileiras Tasha e Tracie e dos Paralamas do Sucesso, acompanhadas da introdução mórbida de “Arise”, do Sepultura. Em uma profunda indignação ao redor das relações espúrias entre as religiões, os interesses econômicos e as violências institucionais, ela ainda insiste na educação devido, principalmente, aos “rosthinhos” que sorriem a ela quando ela chega nas escolas, e fazem com que o cotidiano escolar ainda se faça como constante produtor de sentidos, em especial, no seu trabalho com a primeira infância.

A partir daí, as imagens aceleraram-se ainda mais, e as referências a cada uma das três cartas restantes tornaram-se mais rápidas. Se sobrepuseram reinvenções imagéticas de artistas consagrados há muito tempo, como Tim Maia, Seu Jorge, Rita Lee, Luiz Melodia, Elvis Presley, e Lulu Santos; e outros mais recentes, como LLD, BTS, Cupid, Grupo Menos é Mais, Kamaitachi, e Filipe Ret.

As três cartas que se seguiram, de Morgana, de Márcio e de Micaela, estavam recheadas de dor, incredulidade, de medo e de consternação. Ou seja, de concordância com o horror e o inferno que as palavras, as capas e as sonoridades que a epístola herética havia trazido. Mas também, de anseio de transformação, de mudanças, de esperança a partir das crianças e jovens nas escolas e, até, de necessidade da recusa, da revolução, da radical transformação que só a negação da passividade perante a violência pode promover. Violência que – como resposta à “Cultura do Estupro” da canção da Nervosa, Micaela trouxe a artista-canção “Mulamba” – somente a coletividade e a associação de múltiplas singularidades conseguirão dar conta do enfrentamento.

CARTAS, DEMOCRACIAS E COTIDIANOS EM CONSIDERAÇÕES

Apesar da plena concordância com o diagnóstico do presente dado, sobre os tempos atuais, com as composições dos conjuntos de música extrema que os membros do GEDECE foram provocados/as a se deparar e dialogar, de algum modo, as

oito respostas, com mais ou menos intensidade, buscaram não ceder ao desespero e ao pleno mergulho no caos do fatalismo.

As cartas “em esperançares” – no sentido de esperançar como verbo e movimento sempre inacabado – estavam, por um lado, recheadas de temores pela produção de ausência de sentidos que se espraiam pela ampliação da “barbarização”, espetacularização e financeirização da vida. Mas por outro, trazem uma série de motivos – em muito, provocadas pela carta herética e pelas demandas da vida cotidiana, das escolas, secretarias e setores em quais as educadoras e educadores destinatários/os e respondentes trabalham na educação pública – e *saberesfazer*es que impedem a rendição às “tendências da gestão empresarial, eficiente e empreendedora”, que as transformam em espaços exclusivamente preparatórios para a vida corporativa e para um mercado brutalmente violento e excludente.

Para além da manutenção da esperança ativa, as cartas trouxeram também uma série de provocações em suas respostas – e que foram ampliadas pelas artes produzidas pelo Grupo de Estudos Culturais em Educação, Arte e Cultura das universidades fluminenses – que, para além de bloquearem o tom apocalíptico e sorumbático das canções, capas, letras e do próprio teor da epístola herética inicial, também compreenderam que os *espaçostempos* cotidianos escolares são permeados de lutas, sonhos e desejos. Desde o direito à inclusão de crianças e jovens com as mais diversas necessidades de atendimento especial, até a legitimação de saberes cotidianos e marginais que, se não resistirem, estarão – com o avanço daquilo que é exclusivamente considerado saber técnico especializado útil ao mercado – fadados à contínua exclusão e, quando não, criminalização.

O encontro de saberes, perspectivas, práticas, militâncias, formações, locais de origem e *objetossujeitos* de pesquisa que a atividade proposta pela organização do X Seminário Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons, a consequente multiplicidade de respostas à epístola herética – dando origem ao artefato cultural do GEDECE, apresentado no evento – e a culminância da apropriação realizada pelo Grupo de Estudos Culturais em Educação Arte e Cultura, são uma parcela dessa construção democrática, nos cotidianos escolares, abordada por nós na primeira seção deste texto.

Essa conexão entre as potências individuais e coletivas, associadas em perspectivas comuns não somente de enfrentamento, resistência e militância, mas na construção de modos outros de *saberesfazer*es nos/dos/com os cotidianos escolares, é justamente a recusa à cristalização das práticas, das formações e dos modos de existência na escola.

São pequenas multidões compostas de muitas diversidades e devires que, ao se encontrarem e se associarem, não somente percebem que nem tudo está, de modo fatalista e até escatológico, já dado, mas também entendem, na práxis, que o processo de diálogo na diferença, como produtor de vida cotidiana escolar, é ininterrupto e infundável.

Nesse sentido, a radicalidade democrática desse exercício dialógico, que obriga o outro à resposta perante a diferença, e a responsabilidade comunicativa e política que a presença das singularidades múltiplas impõe, não é somente para que haja a plena participação de todos em tomadas de decisões que direcionarão, no caso, as escolas, para o caminho discutido e definido pela coletividade. Mas, principalmente, para que os próprios processos de *ensinoaprendizagem* se recusem à cristalização que beneficia exclusivamente um certo modelo pré-determinado de educação, que, por sua vez, só atende a manutenção de *espaçotempos* hierarquizantes, excludentes, violentos e barbáricos, bem ao gosto dos fascismos contemporâneos que não cessam de avançar.

REFERÊNCIAS

- BASTIDA, Érica Monteiro Nunes. A (re)existência na autoetnografia: as memórias, o trabalho docente de inclusão dos *filhosestudantes* com TEA e as rupturas do cotidiano escolar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 10., 2024, Salvador. **Anais...** Salvador (BA): UNEB, 2024. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-de-pesquisa-autobiografica-395675/801796-a-\(re\)existencia-na-autoetnografia--as-memorias-o-trabalho-docente-de-inclusao-dos-filhosestudantes-com-tea-e-as/](https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-de-pesquisa-autobiografica-395675/801796-a-(re)existencia-na-autoetnografia--as-memorias-o-trabalho-docente-de-inclusao-dos-filhosestudantes-com-tea-e-as/). Acesso em: 23/10/2024.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP&Alii; Brasília: CNPq, 2009.
- CORRÊA, Thiago Henrique Barnabé; BEZERRA, Leonardo Mendes. **Perspectiva Ecologista em Educação: o legado reigotiano dos cotidianos aprendentes**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023.
- COELHO, F. Adolpho. **Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa: contendo a significação e prosodia**. Lisboa: P. Plantier Editor, 1890. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/0a41bcd5-370d-476b-9190-ef807afefa97>. Acesso em: 27 set. 2024.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 5. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo; Ed. 34, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 3 ed. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 24 ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FUNG, Archon; COHEN, Joshua. Democracia Radical. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 11, p. 221-237, out., 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewArticle/1293>. Acesso em: 18 out. 2024.
- GONZALEZ, Soler; BARCHI, Rodrigo. Experiências em educações ambientais nos encontros de dois geógrafos ecologistas. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 1-26, 2022. DOI: 10.14295/ambeduc.v27i1.13243. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/13243>. Acesso em: 23 out. 2024.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: Guerra e Democracia na era do Império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-Estar Comum**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2016.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Assembly: A organização multitudinária do comum**. Trad. Lucas Carpinelli, Jefferson Viel. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.
- LE GOFF, Claude; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- LIMA, Pedro Luiz. Entre o procedimento formal e o conteúdo selvagem: imanência e democracia em Jürgen Habermas e Antonio Negri. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 37, set./dez. 2017, p. 377-411. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v16n37p377>.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados**. Lisboa: Editorial Confluência, 1952.
- MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. **A An-Arquia que vem: fragmentos de um dicionário de política radical**. São Paulo: sobinfluência edições, 2022.
- MARQUES, Luciana Rosa. Democracia radical e democracia participativa: contribuições teóricas à análise da democracia na educação. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 102, p. 55-78, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/H64DxzKzMpWtpTwnKSQPLrB/?format=html#>. Acesso em: 17 out. 2024.
- MENDONÇA, Daniel de. Para além da deliberação? Apontamentos sobre a normatividade da teoria pós-estruturalista da democracia radical. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 99-125, 2010. DOI: 10.5433/2176-6665.2010v15n2p99. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/8234>. Acesso em: 19 out. 2024.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1955.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: Edusc, 2002.
- POGREBINSCHI, Tammy. **O Enigma do Político: Marx contra a política moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. **Estudos do Cotidiano e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.
- REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 6 p., 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24105>. Acesso em: 30 out. 2024.
- REIGOTA, Marcos. Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 2, p. 113–117, 2012. DOI: 10.11606/issn.2177-580X.v5i2p113-117. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pea/article/view/55919>. Acesso em: 19 out. 2024.
- REIGOTA, Marcos. Akira Kurosawa, Kenzaburo Oe e a perspectiva ecologista de educação. **Fundação Japão São Paulo**. São Paulo, 2014. In: https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/artigo/marcos_reigota/. Acesso em 19 out. 2024.
- ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; CATUNDA, Marta. Imagens e sonoridades: é possível fissurar cotidianos escolares? **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2571>. Acesso em: 19 out. 2024.
- ROMAGUERA, Alda; WUNDER, Alik. Sentidos virados para o fundo da terra: (an)danças e ritmos de pensamentos entre educação, arte e vida. **Revista ExperimentArt**, [S.l.], v. 2, n. 5, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/experimentart/article/view/9121/6403>. Acesso em: 19 out. 2024.
- RUBEL, Maximilien. Marx: teórico do anarquismo. **Revista Novos Rumos**, Marília, SP, v. 49, n. 1, 2012. DOI: 10.36311/0102-5864.2012.v49n1.2370. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2370>. Acesso em: 23 out. 2024.
- SCHUMACHER, Ernest Fritz. **O negócio é ser pequeno: um estudo de economia que leva em conta as pessoas**. Trad. Otávio Alves Velho. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- TAVARES, Felipe Cavaliere; CUNHA, José Ricardo. O debate Mouffe x Rawls: do liberalismo igualitário à democracia radical. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito**. São Leopoldo, RS, v. 7, n. 2, p. 166-175, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/rechtd.2015.72.06>. Acesso em: 19 out. 2024.
- TIBLE, Jean. **Marx Selvagem**. 3 ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas (verbete). In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 75-76.

SOBRE O AUTOR

Rodrigo Barchi é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE-UNISO), onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares (GEDECE-CNPq). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),

com estágio pós-doutoral realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

E-mail: rodrigo.barchi@prof.uniso.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9198-1382>.

Recebido em 05 de novembro de 2024 e aprovado em 13 de fevereiro de 2025.